



CONCEPÇÕES DE GÊNERO DE JOVENS RAPAZES ERECHINENSES

BRUNA LUÍSA SZAST¹, IVONE MARIA MENDES SILVA²

1 Introdução/Justificativa

Pesquisar espaços como a escola e o público juvenil mostra-se potente para discutir questões com relevância social, pois uma parte significativa da população passa por essa instituição e todos passamos pelo período da juventude. Ou seja, a escola e a juventude representam uma etapa formativa importante na vida humana. Nesse período, nem sempre os jovens têm espaços propícios para falar sobre seus sentimentos e percepções sobre questões como gênero, sexualidade e outros assuntos correlatos.

Essa pesquisa buscou analisar o que jovens rapazes estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola da rede pública da cidade de Erechim/RS pensam sobre questões de gênero. A pergunta central da pesquisa foi “o que é ser homem?”. Ademais, buscou-se pesquisar sobre a masculinidade e feminilidade, e como esses marcadores de gênero engendram-se com outros elementos de suas vidas, tais como as relações familiares, a escola, o trabalho, geracionalidade, raça/etnia, classe social e sexualidade.

Pesquisas sobre masculinidades são relativamente recentes no Brasil e dentro do campo das pesquisas de gênero, se comparadas com produções do Norte Global (*mainstream*) (CONNELL, 2016). Portanto, essa pesquisa mostra potencialidade para o avanço do debate no campo dos estudos de gênero, bem como propicia o entendimento sobre a problemática das identidades contemporâneas (WOODWARD, 2011; HALL, 2006) que, atualmente, ganha força no cenário global.

2 Objetivos

Analisar as concepções de gênero de jovens rapazes erechinenses, buscando compreender de

1 Graduada do curso de licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Erechim/RS, contato: brunaluisa.szast@gmail.com

2 Doutora em Psicologia, professora adjunta na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* Erechim/RS, contato: ivone@uffs.edu.br



que forma se relacionam com outros processos psicossociais destacados por eles em seus discursos.

2.1 Objetivos Específicos

2.1.1 Investigar o que os jovens rapazes entendem por “ser homem” e por “ser mulher”, buscando identificar em suas falas possíveis formas de se viver a masculinidade e a feminilidade;

2.1.2 Identificar as referências socioculturais que os jovens reconhecem como marcantes para a construção de suas concepções de gênero;

2.1.3 Investigar como os jovens enxergam o fato de viverem em um momento histórico de maior emancipação/empoderamento da mulher e conhecer as percepções por eles sustentadas sobre (des)igualdade de gênero.

3 Material e Métodos/Methodologia

Trata-se de uma pesquisa de caráter empírico-qualitativo. Inicialmente, foi feita a revisão bibliográfica da produção já existente. Depois, foi aplicada a técnica do grupo focal, que foi constituído por 8 integrantes, todos rapazes com idade entre 17 e 19 anos, com duração de aproximadamente 1 hora e 50 minutos. Os participantes da pesquisa autorizaram a gravação dos grupos focais, via assinatura do termo de consentimento por eles e seus responsáveis legais, conforme a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e outros procedimentos solicitados pelo Comitê de Ética da UFFS.

Posteriormente, os dados foram transcritos na íntegra e interpretados a partir do método de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011). A análise de conteúdo consiste em analisar o material do grupo focal reunindo-o a partir das semelhanças e diferenças, e, assim, encontrar os principais eixos de sentido das falas dos participantes. Desse modo, partimos dos principais núcleos de sentido que justificam a criação das categorias analíticas que foram utilizadas para interpretar os possíveis significados nos discursos dos entrevistados.

4 Resultados e Discussão



Nas narrativas dos jovens participantes da pesquisa pôde-se perceber semelhanças e diferenças em suas falas sobre a questão central: “ser homem”. Em alguns momentos, concordam e discordam entre si, mostrando, assim, que apresentam uma perspectiva plural sobre a identidade masculina. Observou-se a existência de uma tensão, especialmente para tentar definir um homem genérico. No momento em que eles começam a desenvolver as percepções sobre “ser homem”, um elemento comum aparece na fala de todos os entrevistados: a comparação com o “ser mulher”. Ela acontece além da pergunta central, de modo que todos os entrevistados usaram-na para alguma definição nas respostas posteriores. Outra semelhança, em aproximadamente metade das falas, é o elemento de mudança histórica do “ser homem”. Eles denominam-se “homens da nova geração”, sendo seus pais, avós e homens de outros séculos, os “homens de antigamente”. Para eles, a principal mudança ocorreu na descentralização da força e do poderio como constituintes da masculinidade. Atualmente, os valores, a personalidade e caráter seriam mais relevantes para a identidade masculina.

É necessário ressaltar, ainda, que os entrevistados reconheceram que alguns aspectos da masculinidade conservam-se. O principal exemplo é o de ser protetor da família. Essa característica é associada ao “homem de antigamente” e aos “homens da nova geração”. Os jovens afirmam que, desde cedo, foram incentivados pela figura paterna a protegerem suas mães e irmãos. Ademais, os entrevistados ressaltaram a importância de instituições como família, escola e o trabalho enquanto espaços de aprendizados e socialização da masculinidade.

Outro ponto foi a rasa noção sobre feminismo, empoderamento das mulheres – e seus direitos políticos e sociais – na fala dos entrevistados. Eles reconheceram a importância da Lei Maria da Penha, apresentando o entendimento de que formas de violação dos direitos das mulheres, como a violência doméstica, devem ser combatidas. Não obstante, parte deles afirmaram acreditar que as mulheres são fracas e indefesas, tendo também apresentado visões sobre o feminino que repetem clichês culturais, como o de que “as mulheres sentem mais que os homens” e se deixar “levar” mais “pelo coração”. De maneira geral, tenderam a naturalizar essas e outras características associadas ao masculino e ao feminino, sem chegar a descrevê-



las como construções sociais.

5 Conclusão

Concluimos que os entrevistados não tem uma percepção unívoca e estática do ser homem e da masculinidade, compartilhando diversos símbolos e significados, desvinculados da ideia de sujeito centrado na razão e indivisível (HALL, 2006). As identidades foram retratadas como indeterminadas, não terminadas e, por vezes, contraditórias. Além disso, o cotidiano, especialmente as vivências nas instituições, mostrou-se importante no processo de construção das masculinidades, de práticas e da corporificação (GROSSI, 2004). Sobre as mulheres, concluimos que os jovens rapazes tendem a considerar os homens o ponto de referência (WOODWARD, 2011) para classificar e qualificá-las. Logo, percebeu-se que a masculinidade é construída nas relações sociais do cotidiano. Nesse processo busca-se alcançar um ideal de homem que pode variar histórica e socialmente.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- CONNELL, R. Crescer como masculino. In: **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.
- GROSSI, M. P. **Masculinidades**: uma revisão teórica. UFSC: Santa Catarina, 2004.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2011. (p. 7-72).

Palavras-chave: gênero; masculinidade; feminilidade; identidade; juventude.

Financiamento

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).